

Pontes e Passeios

Frédéric Vandenberghe

Teoria social realista – um diálogo franco-britânico

Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010, 365p.

Para melhor compreender o objetivo deste livro é preciso pensar, de início, a teoria social contemporânea como um conjunto de três arquipélagos. No britânico, o autor seleciona Roy Bhaskar, Margaret Archer, Anthony Giddens, Rom Harré. No francês, escolhe Pierre Bourdieu, Luc Boltanski, Bruno Latour, Régis Debray, Michel Freitag. No germânico, tem em mente Jürgen Habermas, Karl Apel, Niklas Luhmann. Em cada um desses arquipélagos, refere-se abundantemente, em adição, a outros autores contemporâneos. Não se esquece jamais, também, dos tradicionais como Marx, Weber e Durkheim, entre outros.

A metáfora do arquipélago se justifica porque o autor parte da idéia de que a teoria social se desenvolve com certa independência nessas três regiões de irradiação. E porque ele, um belga que se orgulha de estar bem brasileiro, vê como sua tarefa estabelecer um diálogo produtivo entre certos autores tomados como ilhas. É evidente, por outro lado, que esse propósito denuncia já a sua vinculação de fundo ao projeto filosófico e político de Habermas, sintetizado como se sabe no conceito de razão comunicativa.

É nessa perspectiva, aliás, que uma frase importante perdida no texto ganha enorme sentido: “como o proletariado está fora de moda nesses dias, substituo-o pela humanidade”. É, pois, como um humanista convicto, fazendo abstração do dilaceramento básico da sociedade moderna e da barbárie pululante no mundo dominado pelo neoliberalismo, que trabalha no campo do saber social construindo pontes e levando os seus leitores a passeio pelas teorias de certos autores julgados importantes. Contudo, ele próprio é suficientemente irônico para afirmar que está no negócio da hermenêutica da importação e da exportação e que faz comércio entre a filosofia social alemã, a teoria social britânica e a sociologia francesa.

Não se pode deixar de reconhecer, porém, que o texto é consciencioso e erudito e que o livro apresenta de modo acessível ao público de língua portuguesa um conjunto impressionante de cruzamentos teóricos no campo da teoria social. De modo mais específico, nessa obra o autor visa apresentar o realismo crítico de Bhaskar aos sociólogos brasileiros, procurando discutir, a partir dele, principalmente, temas e autores da sociologia francesa contemporânea.

O realismo crítico considerado – há outros – tem inspiração kantiana e se baseia na postulação inesperada de que a “coisa em si” é cognoscível. A partir daí, deste salto para trás na velha metafísica, Bhaskar reconstrói a filosofia da ciência natural e social principalmente como ontologia, fazendo a crítica tanto do realismo empirista e do idealismo subjetivista quanto do positivismo e do pós-modernismo que militam nesses dois campos. Bem, é isto – precisamente isto, ou seja, uma inversão do argumento transcendental que pergunta como vem a ser o mundo para que a ciência experimental seja possível – que atrai Vandenberghe. O realismo crítico lhe permite recusar tanto a tese de que não existe conhecimento objetivo quanto a tese oposta de que este se cinge ao fenomênico. A sociedade, assim, não se afigura nem emanação do pensamento nem superfície de eventos em conjunção. Ainda bem!

A partir da compreensão de ciência fornecida por Bhaskar, num primeiro capítulo, o autor procura reconstruir, fazendo-lhe simpática crítica interna, o estruturalismo generativo de Bourdieu. No segundo capítulo, faz uma revisão da sociologia francesa contemporânea, examinando a sociologia pragmática de Boltanski, a teoria do ator-rede de Latour, a midiologia de Debray e as teses de Alain Caillé. Em seqüência, em relação de continuidade com o precedente, trata da obra sociológica de Michel Freitag. No quarto capítulo, “propõe uma reconstrução dialética da ontologia dos actantes rizomáticos” que este resenhista não foi capaz de apreender adequadamente.

No capítulo cinco, apresenta a sua visão do mundo social, a qual integra as estruturas sociais, entendidas como tramas de relações e posições sociais, e os arcabouços culturais, concebidos como fontes de motivações e de discursos. É evidente aqui a semelhança com a concepção de sociedade de Habermas que combina, como se sabe, sistema e mundo da vida social e cultural. O próximo capítulo, de número seis, complementa o anterior, desenvolvendo uma ontologia sociológica inspirada no realismo crítico. Agora, a influência principal vem da teoria da constituição da sociedade, dita morfogenética, de Margaret Archer, a qual está baseada num irreduzível dualismo entre agência e estrutura. Finalmente, no capítulo sétimo, Vandenberghe, inspirado ainda nessa autora inglesa, discute sociologicamente o tópico das “conversações internas”, ou seja, das conversações que as pessoas mantêm com elas mesmas.

Para finalizar, é preciso mencionar que o realismo crítico originário, abraçado firmemente por este carioca por opção, diante do subjetivismo kantiano, recusa a alternativa que consiste em dissolver a “coisa em si” na rede diamantina de categorias, por meio da qual o homem, mesmo quando ele é encarado como mero portador do espírito, entra em relação prática e teórica com o mundo. Ou seja, ele recusa de fato as dialéticas hegeliana e marxiana, ainda que procure conversar amigavelmente com elas.

Bhaskar, entretanto, depois de um primeiro fluxo produtivo voltado para a filosofia da ciência, produziu supostamente um segundo muito mais amplo, dedicado à compreensão da existência humana como totalidade. Vandenberghe menciona que este autor tentou, por meio de um desenvolvimento dialético do realismo crítico, “superar Hegel hegelianamente”. Para tanto, escreveu então o “imenso, mas ilegível *Dialectic: the pulse of freedom*”. Ora, isto suscita enormes dúvidas, pois o leitor é levado imediatamente a perguntar se é possível esperar muita coisa de um fluxo de pensamento em cujo curso é gerado um imenso texto ilegível. É?